



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDICIPINARES EM
HUMANIDADES

ARIETE MARCELINO CAMÕES BAPTISTA

MARGINALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE EM ANGOLA-LUANDA: A
VIDA DE ANONIMATO

ACARAPE

2020

ARIETE MARCELINO CAMÕES BAPTISTA

**MARGINALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE EM ANGOLA-LUANDA: A VIDA
DE ANONIMATO**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

ACARAPE

2020

ARIETE MARCELINO CAMÕES BAPTISTA

**MARGINALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE EM ANGOLA-LUANDA: A VIDA
DE ANONIMATO**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: _____ de janeiro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Orientador. Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

Examinadora Externa. Msc Iadira Antônio Impanta
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Examinador Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

LISTA DAS SIGLAS

LGBTQ+-----Lésbicas,Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

ONU-----Organização das Nações Unidas

FNLA----- Frente Nacional de Libertação de Angola

OIT-----Organização Internacional de Trabalho

ILGA-----Associação Internacional de Gays e Lésbicas

ONGs-----Organizações Não Governamentais

PRS-----Partido de Renovação Social

HIV-----Vírus da Imunodeficiência Humana

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA	7
3. DELIMITAÇÃO/ PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
4. OBJETIVOS	12
4.1 Geral	12
4.2 Específicos.....	13
5. HIPÓTESE	12
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
6.1 O CONTEXTO DOS ESTUDOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE EM ÁFRICA.....	14
6.2 SER GAY NO CONTINENTE AFRICANO: CONTEXTUALIZAÇÃO PARA ENTENDER O CASO ANGOLANO	15
6.3 PERCEPÇÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM ANGOLA- LUANDA.....	15
6.3.2 A tradição ou conservadorismo sobre homossexualidade.....	17
7. METODOLOGIA.....	18
7.1 Levantamentodados.....	17
7.2 Análise de conteúdos.....	18
8. REFERÊNCIAS	20

1. APRESENTAÇÃO

Angola etimologicamente deriva de “Ngola”, nome atribuído a uma linhagem dos povos Ambundos, que se encontram firmes no médio-Kwanza. É um país da costa ocidental do continente africano abaixo da linha imaginária que divide o hemisfério sul e norte do globo terrestre, limitado a Norte, pela República Democrática do Congo, a Sul, pela República da Namíbia, a Este, pela República da Zâmbia e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Está situada entre os paralelos 4 22' e 18 02' e os meridianos 4 05' e 11 41' a Este no Greenwich, no hemisfério Sul, na parte Austral ocupa uma área de 1.246.700 Km (SANTOS, 1969).

A Associação LGBTQI+ em Angola (Íris Angola), foi criada em 2015, constituída por 200 membros. Existem também algumas figuras públicas que fazem parte do seio homossexual dentre eles: Teca Miguel, Hady Lima, Edy Sexy dentre outros. Foi legalizada em 2018, com a sede em Luanda. Existe um grande problema em Angola ao abordar sobre a homossexualidade, as pessoas fingem que não que não querem falar sobre o assunto que já existe. Dentro desse problema, enquadram-se os comentários negativos fruto da falta de informação, como normas que regem os direitos humanos (NDOMBA, 2018)

Existe uma certa perseguição da comunidade LGBT em Luanda, como em Angola no geral, as famílias, os amigos são os primeiros a se afastar, em seguida os colegas de trabalho, das escolas, vão criando barreira de acesso de vagas nas instituições públicas. Considera-se que a promoção dos direitos humanos focado aos LGBT é uma das principais missões da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), (ONU, 2015), a fim de promover iniciativas que construam igualdade de oportunidades combatendo a homofobia, situação que ainda é mais um sonho que uma realidade em Angola.

Em África as práticas homossexuais, homoeróticas são diversas, porque quando procuramos a literatura contemporânea sobre tais assuntos no continente, nos deparamos com uma persistente narrativa que interfere que a homossexualidade é uma prática exógena à tradição africana, isto porque há uma influência forte de que cristãos norte-americanos têm exercido e atuado sobre o continente africano, e por outro lado a repercussão desse discurso não se faria por uma “homofobia inata” mas sim pela associação figurada entre a “homossexualidade” e um juízo crítico teórico do Ocidente.

E há evidências de que em Áfricas possam existir diversas formas de designar práticas, estas que no Ocidente seriam chamadas de “homossexuais” (MIGUEL/SD)

Segundo Jeffrey (1957) o termo homossexualidade foi usado pela primeira vez pela médica húngara Karoly Maria Benkert em 1869, e a afirmação do termo heterossexualidade só foi possível devido a necessidade da definição da homossexualidade, como forma de assumir e especificar as identidades sexuais no que se refere o seus variados tipos e formas no século XXI.

A homossexualidade em Angola-Luanda tem sido um tema muito desafiador a ser enfrentado, ao lado de outros países da África como: Burundi, Sudão do Sul, Uganda, Libéria e a Nigéria. Em Angola, ainda não é aceitável cidadãos com orientação sexual, colocando a sua vida sob a marginalização, tortura, e até mesmo morte em alguns casos, sem estabelecimento de meios que possam minimizar o problema.

O presente projeto foi pensado nas questões ligadas à luta contra a discriminação e marginalização dos LGBTQI+, a partir da associação Íris Angola, o foco desta pesquisa está na compreensão de como esta concepção é encarada na comunidade angolana. Numa primeira fase abordarei sobre a homossexualidade de um modo geral em termos internacionais para sem mais detenção focar em Angola-Luanda.

Vale ressaltar que o termo homossexualidade foi criado no século XIX, em 1869, pela médica húngara Karoly Maria Benkert, como já foi citado acima, afirmando que a homossexualidade era compreendida como uma implicação clínica para demonstrar a realidade humana daqueles indivíduos com um estímulo sexual revertido para pessoas do mesmo sexo ao passo que também pode ser considerada como um contexto global, isto porque o ser humano deve ser visto como um ser normal, e não apenas voltado para a sua condição sexual, afinal as pessoas não se definem somente a partir da sua sexualidade, independentemente da sua forma de comportar sexualmente, deve ser visto como alguém de uma forma total, com desejos, uma vida para construir e sonhos para realizar (MENDES, 2007).

2. JUSTIFICATIVA

O presente projeto sobre a vida de anonimato e marginalização dos homossexuais em Angola, concretamente em Luanda, resultou de uma reflexão sobre vários fatores históricos, políticos, sociais, e profissionais de relevância que servirá para intervenção de maneira que se possa ajudar na preservação dos direitos iguais, afinal de conta, antes de orientação sexual existe a vida e o amor ao próximo, sendo um ser humano, cada pessoa tem o direito de gozar das mesmas normas elementares e de realizar uma vida sem discriminação baseada no valor e na sua dignidade.

Em Angola, os atos homossexuais até então são considerados crimes que podem chegar em alguns casos a execuções mortais, de tortura, e a morte para homens e mulheres homossexuais, fatos que levam a afastar essas pessoas de diferente orientação sexual que deveria ser considerado normal. Outro dado importante é que no século XXI ainda em 76 países que corresponde a 40% das Nações Unidas descriminalizam essa opção sexual, segundo a (REVISTA ÁFRICA -21, 2015).

A homossexualidade foi ao longo dos tempos e em diferentes culturas, motivo de punição, vergonha, segregação, e violência contra todos aqueles que atravessassem a fronteira da heteronormatividade, no entanto, várias medidas têm sido tomadas junto às estruturas governamentais de muitos países do mundo inclusive Angola, a fim de aprovar leis que possam pôr fim a segregação relativa a orientação sexual diferente do que já é estabelecido no padrão.

A luta pelos direitos LGBTQI+ tem se tornando um compromisso universal, assegurando de que ser gay consiste na proeminência daquilo que o indivíduo é, e não se podem ser condenados, as questões referentes aos padrões de biodiversidade têm comparado a homossexualidade com deficiência, onde a sociedade se mantém específica quando refere-se a questão dos cegos (MIGUEL, S/D).

Ao trabalhar a homossexualidade inserida na tradição ocidental, podemos compreender que foi e ainda é tratada como um pecado abominável, uma imoralidade e um crime, nas palavras do antropólogo Luiz Mott (2005), atenta que é muito importante estudar a homossexualidade para ter a possibilidade de apurar as fontes do preconceito, contribuindo assim para cessar a intolerância e a desumanidade contra os homossexuais.

A diversidade sexual, que são os gays, lésbicas, travestis e transexuais têm sido vítimas de discriminações, racismo e preconceitos pelas suas orientações sexuais e identidades de gênero, e geralmente a homofobia contra esses indivíduos tem sido diária

e assinalada por agressões, olhares, discursos, palavras e assassinatos, onde Luiz Mott em seu livro “Homossexualidade: Mitos e Verdades” descreve como um sentimento de ódio doentio contra todos aqueles que infringem a heterossexualidade.

Quando os europeus adentraram o continente africano, foram encontradas diversas regiões na qual existia pessoas que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo, e a homossexualidade era marcada pela questão da idade, onde os mais velhos ficavam com os mais novos. Dois autores italianos, o primeiro de nome Frade Capuchinho Antônio Cavazzi Montecuccolo (1621-1678) aborda sobre os quimbandas, feiticeiros sodomitas, na segunda metade do século XVII, o outro é o capitão Antônio de Oliveira Cadornega (1681) retrata sobre a sua vivência durante quarenta anos na África. Os dois relatos confirmam com alguns aspectos sobre o homoerotismo na África Austral Lusófono, especificando que antigamente a questão da homossexualidade era presente na sociedade angolana, mas tratando-se de rituais em algumas zonas culturais.

A prática da homossexualidade atualmente ainda é considerada ilegal, segundo os dados da Internacional Lesbian and Gay Association (ILGA), em 23 países africanos: Angola, Benin, Botswana, Burundi, Camarões, Cabo-Verde, Djibuti, Etiópia, Guiné-Bissau, Libéria, Malawi, Mali, Mauritânia, Maurício, Moçambique, Nigéria, Senegal, Sudão, Suazilândia, Togo, Uganda, Zâmbia, Zimbábue. Em três desses países citados, existe pena de morte contra os homossexuais: Nigéria, Mauritânia e Sudão, devido à falta de informações sobre os outros países (MOTT, 2005).

Ainda nas palavras de Mott (2005), abordar sobre a homossexualidade contemporânea nos países lusófonos, especificamente em Angola é um pouco desafiador pela falta de informações do assunto a ser abordado, visto que com a crise da Aids, começaram a surgir pessoas contaminadas pelo HIV e informações do muçulmano Sheik Aminuddin Mahomed, afirmando que a revolução dos gays foi a responsável pela expansão do vírus, depois desse ataque, manifesta-se o revendo Dinis Matsolo, do Conselho Cristão de Moçambique, destacando as informações corretas sobre a prevenção da Aids, reconhecendo a importância do uso do preservativo.

Os ataques praticados aos homossexuais, ocorrem muitas vezes em sua forma verbal, em redes sociais, comentários ofensivos são assustadoramente comuns e colocam em evidência a qualidade precária da educação existente em Angola, como inúmeras ideias homofóbicas que têm como ascendência a instituição familiar. A homossexualidade atualmente mostra-se como um grande tabu. No entanto, diante deste cenário, a

conscientização das pessoas acerca da importância do respeito à diversidade sexual é indispensável (LIMA,2019).

Espera-se que este trabalho possa contribuir claramente sobre a divulgação dessas ideologias, palestras em escolas e programas interativos podem ser úteis na disseminação dessas mesmas ideologias em pesquisas científicas, visto que a literatura angolana quase não aborda sobre esse tema. Para além disso com a colaboração da mídia na criação de campanhas e propagandas que conscientizem as pessoas da grande importância e tolerância e do respeito às diferentes formas de relações afetivas e tais atitudes podem servir de grande valia na correção desse erro que tem persistido no mundo inteiro.

A história está marcada pelo repúdio às relações homoafetivas. Algumas ideias e pensamentos que atacam e condenam essas relações sempre estiveram muito presentes. Entretanto, à medida que a sociedade angolana se torna mais conservadora é notável uma menor aceitação no que diz respeito a homossexualidade. Em Angola, esta intolerância mostra-se cada vez mais nas opiniões das pessoas, que agridem, repudiam a união de duas pessoas do mesmo sexo. Tal fato transparece uma enorme necessidade de discutir sobre os valores familiares e a própria ideologia popular. As relações homoafetivas ocorrem muitas vezes de maneira privada, e quando elas surgem sobre este contexto, os envolvidos acabam terminam correndo um grande risco de humilhação e agressão e embora havendo persistência desses acontecimentos nos dias atuais, eles infringem os direitos civis do ser humano (LOCHS, 2019).

Segundo Lima (2019), abordar sobre a importância do movimento LGBT na sociedade angolana é algo extremamente pertinente ao Serviço Social que é uma profissão pioneira na luta pelos direitos do cidadão e independentemente da classe social, etnia, ou orientação sexual, esclarecendo a respeito às lutas enfrentadas e o preconceito imposto aos homossexuais até os dias de hoje, é algo que vai além de simples informações, é reconhecer que os homossexuais, lutaram e lutam até hoje para a inclusão social dos mesmos.

Angola é um país conservador onde há diversidade de culturas, na qual todas as culturas têm os seus próprios valores adequados em relação à sexualidade, algumas sancionam as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo ao passo que outras mesmo não sancionando, reprovam tais atos, na maioria das culturas do mundo, especificamente em Angola consideram o sexo produtivo como uma norma sexual, onde em alguns casos são influenciados pelas religiões que sobretudo condenam os atos e relacionamentos

homossexuais, aplicando muita das vezes punições severas aos infratores, enquanto Angola ser considerada um país conservador, a homossexualidade continuará a ser uma ameaça às tradições valorizadas, instituições e autonomia (LIMA, 2019).

Um fato importante é o apoio profissional das instituições públicas, referentes à saúde para o acolhimento de jovens e adultos vítimas da homofobia, visto que muitos deles são afastados dos seus lares pelo preconceito existente na própria família. Muitas vezes, alguns deles continuam no anonimato, recorrem a prostituição como único meio de sustento, onde existiriam alternativas como a casa de acolhimento especializadas a dar atenção as pessoas carentes às políticas públicas específicas e eficazes, diminuindo assim a exclusão social e integralizá-los de forma digna, por meio da educação, capacitação profissional e moradia (LIMA, 2019).

Ainda há muito que se fazer sobre o reconhecimento e acolhimento dos homossexuais em alguns setores da sociedade, é fato que existem casos de violência contra os homossexuais, como já foi citado acima, estas violências que atingem a integridade física, moral e psicológicas destes cidadãos, por este motivo que o presente trabalho visa à socialização desta informação de forma a contribuir e esclarecer a importância desta minoria social que vive a lutar pelo respeito às diferenças no seu cotidiano.

A falta de dados bibliográficos concernente o estudo da homossexualidade em Angola, a falta de interesse das pessoas homofóbicas, o preconceito, o racismo e a própria discriminação, levou-me a elaborar este projeto, não obstante o interesse pessoal, dada a vivência desses atos, da discriminação da homossexualidade, visto que somos todos iguais, embora tendo hábitos e costumes diferentes, todo mundo merece ser tratado de igual maneira, pois independentemente da orientação sexual, ninguém deve julgar ninguém pelo simples fato de algumas pessoas relacionarem-se com pessoas do mesmo sexo.

3. DELIMITAÇÃO/ PROBLEMA DE PESQUISA

O presente projeto será realizada em Angola em particular em Luanda que é a capital de Angola, a razão pela escolha da mesma consiste em ser a cidade onde há maior concentração da comunidade LGBT, que a partir do ano de 2015 foi criada na mesma cidade à Associação que representa os LGBT (ÍRIS ANGOLA).

Neste trabalho será utilizada uma série temporal com objetivo de representar a evolução da trajetória dos LGBTs em diferentes setores da sociedade ao longo do tempo, que será compreendida entre os anos de 2015 a 2020, pois é o período que para além de ser criada a Associação Íris Angola houve maior fluxo da marginalização, das perseguições, do preconceito, que por sua vez vem acompanhado com a criação do novo código penal que foi legalizado em janeiro do ano 2019.

Num país conservador como Angola, o que representaria ter que conviver com pessoas de diferente orientação sexual que disputam o mesmo espaço que as mulheres, usando salto alto, saias, brincos e outros adereços femininos? Afinal, estamos a falar de uma sociedade de evidentes sinais de conservadorismo, como foi citado acima, que muitas vezes resulta no não debate de um problema de infinitas interrogações. É hora de tirar a venda dos olhos e conhecer o mundo dos transgêneros e transexuais em Angola.

O certo é que em Angola, até janeiro de 2019, não havia lei que preservava a vida dos homossexuais, fato que, junto com outros fatores socioeconômicos resultaram no surgimento da marginalização e obscuridade dessas pessoas dentro da capital luandense, mesmo até existindo essa lei, ainda é notório uma discórdia entre o seu cumprimento e o conservadorismo. Ou seja, apesar de serem legalizados os direitos dos LGBT em Angola, não é visível o ganho do seu espaço na sociedade devido às autoridades conservadoras como o próprio governo, a identidade cultural e a sociedade civil. Na cultura Bantu que ocupa cerca de um terço da população africana, o homem que for apanhado a ter relações sexuais com outro homem, logo é conotado como feiticeiro e julgado de acordo com os pressupostos tradicionais considerado como alguém que está a entrar para o mundo do ocultismo.

Desse modo, pode se afirmar que a rejeição da homossexualidade em Angola-Luanda é resultado da marginalização dos LGBTQI+ em conjunto de outros fatores, como: O declínio econômico que o país vive e o predominante conservadorismo.

A sociedade angolana na sua maioria rejeita as pessoas de diferente orientação sexual, nessa vertente é importante sempre pensar a respeitar os direitos sexuais e reprodutivos das pessoas. Por exercerem os mesmos direitos, as pessoas devem lutar para

alcançar o seu bem-estar. Ninguém deve ser discriminado por ser homossexual ou transgênero, no entanto o Estado tem a responsabilidade de salvaguardar os exercícios desses direitos, desde que o exercício deste direito se põe em causa outros princípios, valores e práticas que têm consagração legal.

Diante dessa problematização, o trabalho é encarregado a hipotetizar que a legalização, a criação de movimentos da associação LGBT em Angola-Luanda e a inclusão social desses movimentos poderá quebrar limites entre o conservadorismo e o cumprimento das normas, dando voz à comunidade que irá ajudar a minimizar os problemas enfrentados no seu dia-a-dia, trazendo melhorias das suas condições de vida de anonimato, e ajudar a sensibilizar a sociedade a respeitar, sobretudo a ter o amor próximo nas pessoas de diferente orientação sexual.

Apesar de Angola ser um país conservador em muitos aspectos, em particular em questões de sexualidade, pode orgulhar-se de não fazer parte de uma lista sangrenta de países onde mais morrem homossexuais vítimas de intolerância.

4. OBJETIVOS

4.1 Geral

- ✓ Compreender a vida de anonimato e marginalização da população LGBTQI+ em

Angola-Luanda

4.2 Específicos

- Analisar os dados bibliográficos e pesquisar estudos já desenvolvidos em Angola sobre a discriminação da homossexualidade;
- Analisar a trajetória das ações desenvolvidas para a promoção dos direitos LGBT, perante a descriminalização da homossexualidade a partir da Associação Íris Angola
- Compreender o que é a Associação Íris Angola e qual o impacto social da sua existência;

5. HIPÓTESE

A legalização, a criação de movimentos da associação LGBT em Angola-Luanda e a inclusão social desses movimentos visa quebrar limites entre o conservadorismo e o cumprimento das normas, dando voz à comunidade para ajudar a minimizar os problemas enfrentados no seu dia-a-dia, trazendo melhorias das suas condições de vida de anonimato e ajudar a sensibilizar a sociedade a respeitar, sobretudo a ter o amor próximo nas pessoas de diferente orientação sexual.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa sessão da discussão teórica iremos dividi-la em tópicos, onde inicialmente faremos uma síntese sobre os estudos da homossexualidade em África. Numa primeira fase, busca se conceitos acerca da homossexualidade de modo geral, no

continente africano e posteriormente destacar as principais ideias aventadas nesse trabalho. O objetivo deste panorama é de albergar, através de diversos estudos, como procurar entender a vivência dos homossexuais, heterossexuais, transgênicos em África e quais as suas especificidades, particularidades no mundo da descriminalização. Por fim, procurar focar nos próximos tópicos enfocaremos sobre autores e concepções de homossexualidade em Angola-Luanda.

6.1 O CONTEXTO DOS ESTUDOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE DOS PALOPS

Em 1994 a África do Sul incluiu a diversidade sexual entre os direitos civis garantidos na constituição do país. No mesmo ano o presidente do Zimbábwe, Robert Mugabe, ordenou o fechamento da GALZ- Gays and Lesbian of Zimbabwe- e apertou o cerco contra os gays. Depois de alguns anos, Quênia, Namíbia e Uganda uniram-se e reforçaram as suas leis anti-gays e as declarações contra a homossexualidade em África obtiveram espaço no debate público. Na mesma época, durante a década de noventa, muitos países africanos conquistaram a sua emancipação do sistema colonial europeu. No mesmo período houve um intenso enternecimento em torno da grande disseminação do vírus HIV/Aids no continente africano (SOUZA, 2015).

Desde então, muitas Organizações Não Governamentais (ONG) na luta contra o HIV/Aids agregaram-se às igrejas e outras ONGs que se manifestavam contra a fome, a miséria e o analfabetismo em África. O objetivo principal dessas missões era de “doutinar” os africanos, de modo a terminar práticas sexuais imorais que julgavam existir nas sociedades do continente. Além do mais, as missões deveriam difundir o uso de preservativo nas relações sexuais (ONU,2015)

Em meio à desarmonia e colisões culturais, a doença continuou se alastrando, e como o foco das campanhas dava-se em torno do padrão de família heterossexual, as entidades LGBT passaram a se ocupar em dar visibilidade para os homossexuais em África, os habilitar a partir da criação de associações LGBT pelo continente africano. Diferentemente dos países ocidentais, em que a luta pelos direitos homossexuais e a luta das mulheres por direitos iguais surgem junto, a preocupação com os direitos dos homossexuais inicia juntamente com a luta contra HIV/Aids e o reconhecimento do direito da pessoa, diante do contexto histórico e político favorável à descolonização dos países africanos.

O preconceito contra a homossexualidade, as associações LGBT em África ligaram-se de imediato contra a luta pelos direitos humanos, à luta contra HIV/Aids e à luta pela igualdade de gênero, dominada pelas ONGs feministas (RODRIGUES, 1996).

Ao averiguar as legislações dos PALOPS com leis contra a homossexualidade, segundo Guéboguo, (2012) destaca que esses países, por não mencionar a relação afetiva e sexual entre mulheres, como se elas não existissem, demonstram forte traço da hegemonia masculina nesses estados. O autor acrescenta que nesses mesmos países a vida sexual da mulher não existe, seja ela hetero ou homossexual, pois ela é apenas o receptáculo para a vida humana.

6.2 SER GAY NO CONTINENTE AFRICANO: CONTEXTUALIZAÇÃO PARA ENTENDER O CASO ANGOLANO

Como vimos acima, a despeito do mito de que em África não tem gay, embora particularmente, sendo considerado um tabu na sociedade angolana, a literatura vem para mostrar que a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu entre os africanos, porém a ideia de que uma pessoa possa ou deva orientar a sua identidade social em função das suas preferências sexuais, vai de acordo à compreensão social de que do mesmo jeito que existe a vida, a sua finalidade está em prosseguir aos laços de família e manutenção da linhagem (MIGUEL/SD).

No entanto, a implantação das associações LGBT em África e a defesa dos direitos humanos, centralizam-se na ideia de indivíduo, inserindo mais um modelo de homossexualidade entre os africanos, que de momento não é bem interpretado e aceite em grande parte das sociedades do continente africano. Embora, que o estatuto social gay se tornar hoje uma realidade entre os africanos, na sua maioria aqueles que têm uma orientação sexual diferente ainda preferem reproduzir o status quo e formar uma família como qualquer outro ser humano. Viver uma vida de homossexuais, nos formatos preconizados pelas associações LGBT é para aquelas pessoas corajosas e determinadas capazes de enfrentar o mundo para a sua defesa ou bem-estar (MIGUEL, S/D)

Na África do Sul único país africano que reconhece os direitos dos homossexuais, permitindo o casamento-, apesar disso entre negros e brancos ainda é muito visível a questão da diferença de aceitação a respeito da homossexualidade. A ideia de formarem famílias com pessoas do mesmo sexo é mais aceita pelos negros, porque até então eles defendem o modelo “tradicional” de família formada por pai, mãe e filhos,

enquanto que no sul da África o contexto família estende-se aos avós, tios, e primos que é considerada a família alargadas (SANTOS, 2012).

Portanto, embora que a maior parte dos sul-africanos não aceitam a homossexualidade no seu país, existem homossexuais negros na África do Sul, com suas respectivas associações LGBT, defendendo os seus direitos de gays e lutando para a igualdade de gênero. Entretanto, entre os negros sul-africanos, a forma de vivenciar a homossexualidade cada um guarda a sua especificidade (SANTOS, 2012).

Na África do Sul, os homens que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo não se consideram como gays. A identidade masculina: que é o ativo da relação, o responsável pela reprodução social e biológica da sociedade. Do outro lado existe a identidade feminina: que é passiva e no papel da reprodução biológica da comunidade (SOUZA, 2015).

6.3 PERCEPÇÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM ANGOLA-LUANDA

Angola é um país onde o conservadorismo é muito presente em todo lado principalmente quando trata-se de homossexuais no país. A homossexualidade em Angola e em alguns países do continente africano têm todos a mesma percepção. Em Angola-Luanda essas práticas são consideradas “abomináveis” porque a cultura bantu e a cultura religiosa rejeitam este fenómeno. Segundo Haurie e Luwa, (2013) na sociedade angolana não existe debates e discussões deste gênero porque simplesmente a população prefere evitar falar sobre isso porque ainda é um tabu, e por essas razões é que vários homossexuais do país preferem manter-se no anonimato.

Alguns africanos insistem em afirmar que não existe homossexualidade na África, embora sendo pouco visível, poucas pessoas não sabem que nas sociedades tradicionais já existiam relações íntimas entre os homossexuais, embora que para outros a homossexualidade é considerada um fenómeno que surgiu do ocidente (HAURIE e LUWA, 2013).

Para os homossexuais a discriminação passa a ser dupla porque para além de viverem no anonimato pela sua orientação sexual, são muitas das vezes marginalizados quando se trata do acesso ao emprego, a saúde e principalmente no âmbito social. Alguns governantes defendem que a homossexualidade não é de origem africana, que foi adquirida desde a colonização.

Kurt Falk (1923) antropólogo alemão, conta a história de duas tribos de Angola, os Wawihe e os Ovigangellas, dois grupos que tinham práticas diferentes em relação ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele esclarece os Wawihe dizendo que esse tipo de relação era rejeitado por desconhecido, mas que posteriormente após uma certa convivência ou intimidade isso era visto como algo normal. Ao passo que os ovigangellas a homossexualidade era admitida com troca de favores.

Falk ressalta ainda sobre essa troca de favores que era feita pela tribo Ovigangella que no caso existia um plano bem elaborado para duas pessoas serem aceites e consideradas como um casal. E não só, o antropólogo salienta sobre a história de um sargento que foi sacrificado por ser flagrado a praticar atos homossexuais.

6. 4 A TRADIÇÃO OU CONSERVADORISMO SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

Lucas Ngonda, presidente da FNLA, outro partido angolano, aponta a tradição como motivo para esclarecer os debates sobre o casamento homossexual. Para ele aquelas pessoas que se consideram africanos no sentido da palavra, e que nunca tiveram ligações com outros continentes, como hábitos, e costumes, nunca aceitarão o casamento homossexual.

O maior partido da oposição afirma que a homossexualidade é um assunto que foi oculto durante algum tempo porque não interessa a sociedade global. PRS considera que a homossexualidade é um tema cuja discussão demonstra que Angola é apontada como uma sociedade moralmente poluída, (PINTO, LUSA. 2012).

7. METODOLOGIA

7.1 Levantamento de dados.

Diante dos objetivos do presente trabalho, o projeto será desenvolvido com base na pesquisa qualitativa. Para tal, realizar-se-á um levantamento bibliográfico de livros, artigos científicos, monografias, dissertações, teses, para a composição do trabalho que abordam questões sobre homossexualidade em Angola.

Segundo Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é a etapa inicial de todo o trabalho científico, com a finalidade de reunir todas as informações, levantamento, seleção e a retenção de dados que servirão de base para a construção da investigação do tema. É importante estudar a técnica qualitativa porque nos possibilitará a descobrir qual a melhor metodologia a ser utilizada para produzir o trabalho e dar suporte a pesquisa, viabiliza a exploração de novas áreas para reforçar a pesquisa com todos os dados obtidos para a realização de um bom trabalho.

De acordo com Neves (1996) no campo social essa técnica de pesquisa não se emprega métodos quantitativos para descrever ou explicar o fenômeno, mas pode-se identificar uma outra maneira de abordar que tem se alegado como possibilidades de investigação. Ou seja, nesse trabalho inicialmente será realizada interpretativa qualitativa, isto é, não haverá busca enumeradas, ou medir o fenômeno, em poucas palavras, não serão empregados instrumentos estatísticos, mas sim, nos preocuparemos com o aprofundamento da compreensão partir de um grupo social: os homossexuais.

7.2 Análise de conteúdo

Serão analisados dados bibliográficos, pesquisas e estudos já desenvolvidos em Angola sobre a discriminação da homossexualidade, analisar as trajetórias das ações desenvolvidas para promover os direitos LGBT, perante a descriminalização da homossexualidade a partir da Associação Íris Angola, e por último será aprofundada a compreensão do que é Associação Íris Angola e qual é o seu impacto social da sua existência face aos homossexuais em Angola-Luanda.

Segundo Bardin (2011), “esse método possibilita ao pesquisador reunir um conjunto de técnicas, com vistas a obter a descrição dos conteúdos que possam fazer inferências de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas

margens”, de modo que se possa responder a hipótese. Nesse método, será feito um recorte de informações dividindo-as em categorias segundo os critérios de analogias, onde serão representados de forma condensada indexação, ou seja, será uma fase de tratamento de análise de conteúdo ou das informações coletadas.

O objetivo dessa técnica será manipular as mensagens para poder evidenciar os indicadores que nos possam permitir, sobre uma outra realidade que não seja a da mensagem, com propósito de atingir informações com máxima pertinência, isso é, com máximo aspecto qualitativo.

Por fim, faremos uma reflexão e análise dos dados, a fim de enquadrá-las no nosso trabalho para detalhar cada conclusão atingida em direção aos objetivos propostos.

8. REFERÊNCIAS

- AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica-Ceará**: Universidade Federaldo Ceará, 2007.21 p. disponível em:
<<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses/mentoring/tutoring/como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>>. Acesso: 23 out. 2019
- BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições. 70. Disponível em>
<https://projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-homossexualidade-nos-diasatuais-direitos-civis-versus-preconceitos-da-sociedade/o-tabu-da-homossexualidade-na-sociedade-atual/3023>>. Acesso 20 set. 2019
- FALK, K, **A homossexualidade em tribos angolanas**. New York, St. Martin's Press, 1923.
- GUÉBOGUO, V. C. , **La Question homosexuelle en Afrique**. Le cas du Cameroun, Paris, L'Harmattan, 2012. 13. M. King, «Homosexuality in Cameroon's Public
- HAURIE C. C. e LUWA. S. **A homossexualidade na África, um tabu persistente. O exemplo da República Democrática**. May,2013(artigo).
Disponível em. <<https://www.pambazuka.org>>. Acesso: 25 mar. 2019
- LIMA P.C.F. **A importância do movimento LGBT**. Portal Educação, 2019.
Disponível em > <https://portaleducacao.lpages.co/portal-play>. Acesso: 18 abr 2019.
- LOCHS P, **O tabu da homossexualidade na sociedade atual, projeto redação**, 2019.
- MENDES, S, M, F **Homossexualidade: A concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neurofisiológico do século XXI** , Encontro revista de psicologia, vol. XI, n 16, ano 2007.
- MIGUEL F, Por uma antropologia da homossexualidade em África: o caso de Cabo Verde (S/D). PPGAS-UnB/Brasil

MOTT, L. “**Mozambique, Religious Leaders on Aids and Gays**”. Agência de Informação de Moçambique, 2005.
Disponível em: http://www.mask.org.za/SECTIONS/AfricaPerCountry/ABC/mozambique/mozambique_3.htm>. Acesso: 03 ago. 2019.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades**. Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996.

ONU. **Promoção dos Direitos Humanos de pessoas LGBT no Mundo do Trabalho**. 2a. ed. Brasília, OIT/UNAIDS/PNUD, 2015. 08 p.

PINTO e LUSA. Ndaneta, **Eu não pago as dívidas ocultas**. Agosto, 2012 (REVISTA 21). Disponível em> (<https://ndaneta.blogspot.com/2012/08/homossexualidade/tema-rejeitado-por.html>). Acesso: 28 de mar. 2019.

PROUST, JEFREEY **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual**, 1957.

RODRIGUES L.G. M. **Manual do multiplicador na comunidade Homossexual**. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Manual do Multiplicador - Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 601 p.

SANTOS G. G.C. **Cidadania e direitos sexuais na África do Sul: reflexões sobre o reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo**. Universidade Estadual de Campinas. Soc. e Cult., Goiânia, v. 15, n. 2, p. 319-329, jul./dez. 2012.
SANTOS, Eduardo (1969), Religiões de Angola, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, p. 19.

SOUZA.F.M. **Discretos e declarados: Uma etnografia dos Homossexuais e Maputo**. (Dissertação). Campinas, 2015. Disponível em: <https://www.pambazuka.org>. Acesso: 23 mar. 2019